

ERMINIA BORGHI-MAMO  
COMMEMORAÇÃO DA SUA FESTA ARTISTICA EM 15 DE ABRIL DE 1884



Depois do que toda a imprensa tem escripto a respeito d'esta insigne artista e notabilissima cantora, o *Antonio Maria* não encontra para offerecer-lhe como penhor da sua sympathia senão esta modesta pagina.



## A SEMANA

*Gata Branca* na Trindade, *Filha do Mar* no Gymnasio e companhia franceza no Colyseu são as tres novidades da semana theatral.

A *Gata Branca* é, tanto no poema como nos vestuarios, uma *gata* nova feita de panno velho. Mas, visto que se trata d'uma *gata*, e sobretudo d'uma *gata* de estimação, como Florinda, não é muito para admirar que Carlos Cohen lhe quizesse prestar homenagem engendrando as toilettes com os *gatos* do guarda-roupa e que Eduardo Garrido tambem deitasse uns *gatos* no poema para o fortalecer contra o peso da musica, que francamente nos pareceu muito *pesada*.

De resto, o scenario da *Gata* é mais uma *agata* para o diadema artistico de Manini. (Calembourg Mendonça e Costa.)

A *Filha do Mar* é um dos dramas mais bem architectados entre os que conhecemos n'aquelle genero. Tiros, naufragios, trovoadas, mortes, roubos, assassinios frustrados, tempestades, explosões, derrocadas, tudo enfim quanto ha de horrivel e tenebroso n'este mundo — sem exclusão do casamento no final da peça!... Ao pé das desventuras e tormentos por que passam os protagonistas d'aquelle drama durante as horas de espectáculo, o codigo penal Firmino-Lopo chega a afigurar-se-nos um copinho de licôr de rosas!

E, já que fallámos no scenario da Trindade, não podemos esquecer o do Gymnasio, devido aos pinceis de Machado e que é na verdade primoroso.

Da companhia franceza pouco podemos dizer esta semana; como chegámos um pouco tarde e a concorrência era enorme, apenas encontrámos logar a cinco milhas de distancia do palco, de fórma que *Le songe d'une nuit d'été* que hontem se representava foi para nós unicamente *Le songe d'une nuit du printemps*. Da excellencia da musica e especialmente do merecimento do poema, temos apenas consciencia pelos repetidos applausos que constantemente nos chegavam aos ouvidos. Disseram-nos cá fóra que o nome de madame Seveste, uma formosissima mulher e uma bella cantora, é apenas um pseudonymo de que usa pela manhã, quando *se veste*, e que põe immediatamente de parte quando á noite se despe para se metter em valle de lençóis.

\* \* \*

As festas de igreja não estiveram esta semana menos concorridas de que as festas theatraes de que vimos de fallar. Na igreja dos Jeronymos, sobretudo, cahiu o poder do mundo. O protesto apresentado pelo sr. padre Amado, no *Diario de Noticias*, contra aquelle *desacato*, não produziu o effeito que fóra para desejar e a batuta de Antonio Duarte poudé mais no animo dos *dilletanti* de que o anathema de sua reverendissima no espirito dos fieis.

Consta que o sr. Padre Amado, em desforço do memoravel fiasco feito pela sua representação em portuguez, vae dirigir outra representação ao Santo Padre, mas d'esta vez em latim. Suspeitamos que sua reverendissima perderá o seu latim mas, em summa, é possivel que d'esta vez alguém o entenda...

Sabbado, houve na igreja de S. Domingos, mosquitos por cordas e a alleluia teve de se levantar da cama duas horas mais cedo de que tencionava para apparecer aos fieis que em torpel se esmagavam d'entro do templo. A

confusão era tal que as saias dos reverendos se confundiam já com as saias do bello sexo ao ponto de vermos um cavalheiro muito nosso conhecido lambendo os beiços de guloso porque bispára, atravez do gradamento da teia, uma liga côr de rosa... do sr. padre pregador!...

No meio do enorme perigo houve actos de dedicação dignos d'um poema em sete cantos. Um sujeito, por exemplo, para pôr a familia em logar seguro, pespegou com a esposa e a prima em cima do altar, uma de cada lado do martyr S. Sebastião! Lá a esposa, vá; mas levar a prima ao altar com a mulher ainda viva e nas suas proprias bochechas, para mais agravo, foi um crime de bigamia para o qual se nos afigura ainda insufficiente todo o rigor do codigo Lopo-Firmino!...

\* \* \*

O *Diario Illustrado* de domingo ultimo publica o seguinte artigo:

«TAPANDO O NARIZ»

«Tem provocado repugnancia e nojo o ultimo numero d'um papel satyrico, que de excessso em excessso, prostituindo a litteratura e a arte, chegou ao ultimo limite da porcaria.»

O citado artigo, de que apenas transcrevemos o começo, não traz sobrescripto em que designe qual seja o *papel satyrico* a que se refere; e, como carta

«que sobrescripto não tem  
não se dirige a ninguem,  
dirige-se a toda a gente...»

e nós temos a honra de ser um *papel satyrico*, vamos responder ao articulista do *Diario Illustrado*, dizendo-lhe apenas duas palavrinhas e abstando-nos totalmente de lhe pôr a calva á mostra, já porque o nosso collega da *Era Nova* se encarregou generosamente de tão espinhosa missão, já porque receíamos que descobrindo-lhe os podres tenhamos por nosso turno de tapar tambem o nariz — nós porém com as mais fundamentadas razões...

As palavrinhas são estas:

Lembramos ao citado articulista que existindo um annexim que diz não se dever fallar de corda em casa de enforcado, nos parece de todo o ponto temerario que a imprensa *matriculada* venha fallar em *prostituição* de litteratura e de arte... Aquella phrase devia forçosamente queimar-lhe os beiços, se elles não tivessem já criado calo no exercicio das suas funções...

Se não perceber peça a alguém que lhe explique.

PAN.





## NO PAIZ DO SYNDICATO

Meu caro Raphael. Isto não é bem uma carta; é quasi um testamento. Eu não sei se a estas horas já *passou* a reforma penal, que, pelos modos, é o quer que é parecido com uma procissão do Santo Officio, ou com aquella vara de porcos que o imperador da China manda percorrer as ruas para devorarem as creanças, abandonadas durante a noite! Lá, no Imperio Celeste, os ternissimos conjuges apparecem, ao levantar, á janella, e perguntam para as chinezices que lhes ficam fronteiras: — Então, já passaram os nobilissimos porcos de sua magestade? Roeram muitos fedelhos? Nós, meu caro Bordallo, somos quasi chegados áquelle grau legislativo que confunde as trufas com os craneos dos pequerruchos. D'ora ávante quando nos levantarmos da cama (oh! minha rica caminha, pois, a justiça de Lisboa será capaz de querer transformar-te no catre d'um calabouço?!), em vez de pedirmos ao creado que nos chegue os jornaes da manhã, teremos de lhe perguntar com-movidamente: «Oh! João, dize, sê franco, já *passou* a reforma penal?»

E o bom do homem, que já conheceu no seu tempo até que extremos de protecção pode chegar a politica dos senhores ministros, responder-nos-ha entre soluços: — «Passou sim, senhor; e lá levou entre os dentes o bom do senhor José Sampaio. Agora estou a vér que á primeira occasião...»

Ora já vê, meu caro Raphael, que as minha chronicas do Porto, d'este bom burgo onde o conde de Samodães é sabio, e desconhecido o Oliveira Martins, teem de tomar d'ora ávante um character muito especial, assim com uns ares de quem se despede d'este mundo e se prepara para vida melhor, que os diabos carreguem para bem longe. Eu até já me lembrei de fazer agora estas chronicas auxiliado com a collaboração do cozeiro do Repouso. Isto tinha umas certas vantagens, porque alem dar o tom de necrologio com que todo o escriptor publico deve d'aquí em diante redigir as suas ideias e as suas sensações, podia captar a benevolencia de um governo funebre, como é aquelle de que faz parte o homem que não ri. Depois, para quem escreve com os pés na cova, sempre é consolador ter um amigo fiel que conheça já um pouco a indiosyncrasia das minhoças, o seu gosto predilecto, a sua affeição por este ou por aquelle bocado de carne. Sempre é bom a gente ir-se familiarisando com estes individuos e com estas ideias, porque qualquer dia a reforma passa pela minha porta e era uma vez um João Brôa. Tenho bastantes razões para crêr que o meu nome não ficará perdido para a historia dos vivos, porque assim como ha muitas Marias na terra, tambem ha muita Brôa respeitabilissima, perfeitamente a coberto de quaesquer perseguições regeneradoras.

Pois a verdade é esta: qualquer dia escrevo-lhe uma carta posthuma, como dizia ali o meu amigo Barboza, do banco de Portugal. Eu me explico: como entre o dia em que eu traço estas chronicas e aquelle em que se publica o *Antonio* medeia bastante espaço de tempo, é muito possivel que eu a lance ao correio vivo e tenha de a lêr já morto, essa carta malfadada. Além do sr. Paulo Barbosa ha mais Barbosas d'esta opinião, principalmente o sr. Arnaldo Barbosa que é um dos mais terriveis philosophos dos muitos, e bons, que existem na cidade da Virgem. Mas é uma condição triste, afinal, esta em que temos de viver logo que passe a reforma. E' como quem

mergulha diante d'uma vaga e não tem a certeza de se encontrar escoreito do outro lado d'esse muro d'agua movediça.

Não quero dizer com todas estas lamentações que a lei seja má e o sr. Lopo Vaz um estupidiissimo ministro. T'arrenego, que eu sei o que taes affirmações me poderiam custar, no caso d'ella já ter passado. Bem pelo contrario. Se ha reforma verdadeiramente regeneradora é esta. Esta é que é a verdade. No paiz estava-se desenvolvendo muito o gosto pela leitura. Na guarda municipal era um gastar de Escrich e de outros santos varões, que era mesmo uma calamidade.

O sr. Correia de Barros andava até com ideias (elle, tão economico n'estas despesas!) de mandar o seu collega Araujo aprender a lêr á aula do Arcozello, que é no andar superior do club das reuniões barristas. Ora se isto continua por muito tempo, talvez se chegasse a uma epoca em que se exigisse o conhecimento da taboada aos directores de bancos, e uma certidão de exame de primeiras letras aos representantes da nação, não esquecendo o sr. Alberto Pimentel, que entrou para a Academia Real das Sciencias por ter descoberto uma chuva de lagostas.

Nos paizes barbaros como Marrocos, o Egypto, Portugal e a Ilha das Gallinhas, saber ler é quasi conspirar. Saber ler é quasi raciocinar; raciocinar é estar quasi á beira da revolução e da anarchia. Consequentemente o governo, prohibindo a livre expansão da imprensa, em primeiro lugar põe um termo a esta ameaça de perigo imminente, e, em segundo lugar, mostra á nação o verdadeiro caminho a seguir, dando um premio aos analphabetos. Nada mais em harmonia com as doutrinas da casa de Bragança e dos respeitaveis jesuitas que teem educado os seus augustos infantes, não esquecendo o infante D. Augusto.

De resto, não é só por este lado que a reforma penal pôde ser defendida e apoiada.

Como o sr. marquez de Vallada, ella pôde apoiar-se por todos os lados.

A imprensa republicana pedia todos os dias ao ceo que lhe dêsse oportunidade de fazer prova do seu amor pelo martyrio. O governo todo paternal, offerece-lhe agora, economicamente, a prisão facil e o degedro facultativo. Que mais quer? A imprensa regeneradora tem o cuidado de lhe pedir outra coisa; e o governo, todo paternal, fornece-lhe a coisa toda. O doutor Pangloss viveria aqui entre nós como Deus com os anjos.

Concluindo, meu caro Raphael, não sei se já esgotei toda a copia de argumentos em favor de tão alevantada reforma, mas o meu coração transborda ainda de agradecimento pela affeição muito especial que estamos merecendo ao sr. ministro.

Tarde ou cedo havia eu de dar com a razão porque ha tantos commendadores que não sabem ler e tantos barões que se horrorisam diante da letra redonda.

JOÃO BRÔA.





## APONTAMENTOS PARA HISTORIA PARLAMENTAR

Aspecto de uma sessão da câmara durante a discussão do código Lopo-Firmino



Em feia furia rufára o furor em fôrma fêra! Firmino teme o furor, o Fontes fuge para fôra, tudo em fuga á força fura...



## SEMANA PARLAMENTAR



Duas grandes duvidas existem no meu espirito esta semana: não sei se o parlamento está no mesmo lugar e se o Chalet se chama a agora parlamento.

No Chalet encontrei serena, prudente, reflectida discussão d'um projecto de lei; em S. Bento encontrei tumultuosa e irrisoria dança de interesses, dirigida pelo governo regenerador, que é o Justino Soares d'aquelles *fenians* salvadores do paiz.

Na associação dos jornalistas também encontrei ministros e deputados em acalorados debates!...

Eis a razão porque eu tenho desejos de ir por esse mundo fora, perguntando a toda a gente se sabe para onde se mudou o *sanctuario das leis*.

E' certo que, em S. Bento, Arriaga tem criticado, com exuberancia de palavras e de argumentos, a lei que se oppõe á palavra e ao argumento; mas se é lá que Arriaga discute, não é lá o parlamento — é na lua!

N'este mundo sublunar não se pensa, nem se discute: a razão é uma força desconhecida; quem quizer vencer não deve apresentar argumentos de força, mas homens de pezo.

E a culpa de tudo isto é do Supremo Architecto!

Para que faria o Supremo a terra com a forma de um abdomen burguez?

Ahi estão as consequencias:

Arriaga vê-se obrigado a emigrar para a lua, que também é redonda como o ventre d'um satyro, mas que, ao menos, não é sempre lua cheia!

O illustrado deputado republicano tanto tempo se conservou na tribuna que chegou a fascinar o presidente e a maioria.

Se as galerias se não lembram de gritar — *álerta* — os homemsinhos, chegavam á immobibilidade.

Affirma-se que o sr. Bivar ha muito que não dorme tranquillo. — Nos sonhos de juiz e de presidente havia sempre o vulto do vermelho republicano a passear-lhe em frente do leito, como visão ameaçadora do inquieto *madhi*!

Imagine-se que despertar o de hontem, quando Arouca, com o seu dilemma imprudente e indelicado alvorotou os espiritos da *magna catêrva* e provocou protestos da galeria!

O relator, por um momento, olhou direito, o Camões, por um instante fechou a bocca, esfolhou-se a roza do José Borges, entortou-se um pouco o Baracho, que é um rapaz desempenado, o Firmino agarrou por traz o author da lei, o Cunha Belem gritou, com os velhos habitos nocturnos — *em pé e á ordem* — o Jayme Pinto julgou-se em Caparica a distribuir senhas para o bacalhão eleitoral, o Abilio andou afflicto á procura do Vilhena para fugir com elle ao collo, o Lencastre, indignado, exclamava — então isto é algum bazar dos tres vintens! — Patricio ajoelhou e Viegas poz os olhos no retrato de el-rei como se elle fosse a imagem do Salvador. A confusão foi tanta, que até, n'um movimento notavelmente brusco, se separaram, com dôr, o Luciano e o Pequito!

Tambem o caso não era para menos!

As galerias tinham exclamado — *fôra*!

Aquillo é que se pode chamar heroismo!

E ainda ha quem cite a resposta de Mirabeau na assembléa nacional quando as bayonetas o ameaçavam! Só quem não estivesse hontem em S. Bento é que ainda citará aquelle rasgo tribunico.

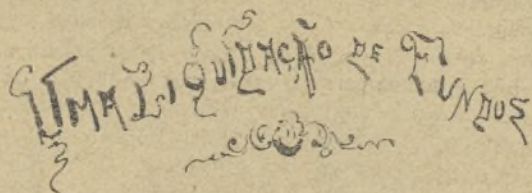
Não houve bayonetas, é certo; mas, isso que importa? houve um *fôra*, e um *fôra* ainda é peor que uma bayoneta dentro.

Na camara dos pares disse o nobre Moreira de Rei que havia paizes que mudavam tão facilmente de instituições como certas mulheres mudavam de camiza.

Se o nobre visconde tivesse assistido á sessão dos illustres deputados, no momento em que as galérias protestaram contra as pontas do dilemma Arouca, havia de reformar a sua phrase ou crear outra que a lembrasse e corrigisse. — Ha homens que mudam tão facilmente a casaca como em certas sessões os deputados mudam de ceroulas!...

E aqui está a razão porque o presidente mandou evacuar as galerias e aos deputados não mandou cousa alguma... Já não vinha a tempo a ordem do presidente!

Justus.



(Conclusão do numero antecedente)



Marcellino vae pela 3.<sup>a</sup> vez ao pinho dos criminosos e o dr. Valle pela terceira vez faz a apothese da caixa da Bahia pela sinceridade de fazer conhecer á justiça o ratorneiro condecorado.

Mas, n'este julgamento o jury inventa a theoria de achar um cumplice sem auctor e dá a Marcellino o papel de participante na tranquibernia, livrando-o da responsabilidade de agente ou de corretor dos fundos da caixa.



O Valle desmaia a rir pelo arrojo scientifico e o jury, suppondo com ingenuidade que era commoção pelo resultado, sae exclamando:

«Se nós soubessemos tínhamos absolvido o pobre Marcellino; porque, no fim de contas, quem sabe se foi elle?» Marcellino estava outra vez pobre!

O processo subiu até ao Supremo e lá decide-se que Marcellino não podia ser condemnado como cúmplice, não havendo auctor.

Marcellino estava novamente rico!

Durante o intervallo entre o 3.º e 4.º julgamento levanta-se um dos raros exemplos de dedicação e affecto que uma menina tem dado pelas dores soffridas por um vaivem da sorte.

M.elle Torrezão escreve ao semi-condemnado e semi-absolvido e propõe-lhe o patronato da causa no prologo da sua folhinha.

Foi um rasgo de abnegação, mas foi tambem um grande lance de um coração, virgem de taes commoções.

Marcellino respondeu com o orgulho dos perseguidos, enviando á sua joven protectora esta singelissima sentença: «Eu sou um homem.

«Pertence-me a minha sorte. V. Ex.ª havia de soffrer, se tomasse em seus braços todo o pezo da minha causa.

A sr.ª Angelina Vidal foi mais feliz na tentação.

Disse-lhe: — se a ave vóa, se o rio corre, se a nuvem foge, se o fumo não volta; porque não has de tu, ó Marcellino, ser como o fumo, como a nuvem, como o rio e como a ave, e voares, correres, fugires e não voltares?

Marcellino acceitou o conselho, mas corou de pejo. Previu, desde logo, que os reptis haviam de morder na virtude; mas declarou que, sem estar livre, elle não poderia reparar o que n'este rapto houvesse de maldoso para a heroína.

Vem o 4.º julgamento e a audiencia foi addiada.

Marcellino continuava a ser pobre!

No trajecto de Caifás para Poncio Pilatos, apparece-lhe á esquina da calçada de S. Francisco, Angelina a compassiva, semelhando a da veronica e dando ao seu nazarino não a toalha para o sangue, mas um bilhete para o comboio da noite, em viagem para o ignoto.

Marcellino pediu licença ao policia com quem ia, se o deixava ir por uns momentos a Marco de Canavezes que depois voltava; porque pouca era a demora.

— Palavra de honra? disse-lhe o civil.

— Sou escravo do que prometto.

— Então saude e escreva-me de lá para o ir esperar á estação. Escusam os chefes de se incommodarem.

E fugiu. Fugir, não. Não foi para o Limocero: o que é differente.

Este facto causou certo alvoroço na cidade e no Paiz e o conselho de ministros reuniu-se á pressa nas antecamaras do conde de Andeiro, sendo chamado Agostinho, o martyr.

Marcellino, protegido pela bandeira rubra de Angelina, pernoitou na modesta habitação da sua bem amada conselheira e de lá, com a sua epistola diaria fez desnoitear o commissario, os guardas, a municipal, os administradores, os regedores, os cabos, os nocturnos e até o Macedo!

— Onde está o inimigo gritava o general!

E transsudando de cansaço, vi-lhe inclinar a sua pequenissima cabeça como de desanimo.

N'essa noite foi Marcellino ao Chalet.

Angelina para desviar attentões foi ao Coliseo. E a direcção dos caminhos de ferro do norte vendeu todos os bilhetes á policia que foi perseguindo pela linha fóra um turista de bom gosto.

Depois de realizar os seus arranjos e de pôr em ordem os seus negocios domesticos; indo ver a sua terra natal e tendo ceiado com o abba de da freguezia, mandou participar pelo telegrapho ás auctoridades que lhe marcassem quarto no Limocero, que elle queria entrar nas proximidades do seu 5.º julgamento.

Cumpriu. No dia ajustado chegou. A policia agradeceu-lhe não a ter comprometido e recebeu do Agostinho e dos seus companheiros do hotel as manifestações mais estrondosas que são permittidas n'aquelle armazem de navalhas e ferros.

Vem o 5.º julgamento. É o dr. José Dias que o defende. A questão torna-se politica. O jury era todo constituinte. Marcellino entra para o partido com um baptismo de virtude. O jury absolve-o

Marcellino estava outra vez rico!

Mas o juiz, desenrolando uma série de razões como prologo de uma dissertação juridica, deu a decisão por *iniqua*.

Marcellino tornou a ser pobre!

José Dias fulo! O jury estupefacto! Marcellino hydrophobo! Angelina com o jantar preparado perdeu a despezas. E a sua laranjeira de noiva seccou.

A policia segurou Marcellino que bracejava, barafustava e resistia.

A municipal veio toda do quartel para conduzir um homem que tinha descoberto o motu continuo dos julgamentos.

Marcellino vem pela 6.ª vez ao tribunal e o jury por uma commiserção serodia condemna-o, inventando-lhe um crime! Melhor foi assim; porque, se assim não fosse, teriam de julgar um morto.

Recommenda-se o voto dos jurados não só pelo lado de uma fina sensibilidade pela desgraça, mas como dique a futuros incommodos, evitando a *reprise* de um drama que já não dava vintem ao pobre empresario.

Marcellino ficou indigente, depois de tantos sonhos de ventura.

Tambem é verdade que todos ficaram pobres!

A graça d'este processo, que ia tendo centenario, está na pelinrice em que tudo ficou, depois de todos querearem entrar na partilha dos dinheiros da Bahia.

O director da caixa, depois de entregar aos collegas as acções e obrigações dos bancos e companhias e das propriedades que tinha, fugiu e está á frente de uma feitoria de um degradado que enriqueceu.

A caixa hypothecaria da Bahia falliu. Tanto rombo levou que a quebraram!

O banco, em que estava depositado o dinheiro que foi apprehendido ao Marcellino, tambem falliu.

O dinheiro depositado foi para Salamanca, que é o mesmo que dizer que não volta.

Marcellino sem vintem.

Angelina sem real.

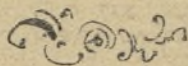
Guioimar sem heroe.

O escrivão do processo sem ter quem lhe pague as custas!

E esta causa, que começou por uma conversão de fundos no subido valor de 40:000\$000 réis, terminou por mandar todos para um asylo de mendicidade.

É triste como lição sobre finanças; mas é modelo para futuros criminalistas!

RIDISTO.





## NA KERMESSE



*Zé Povinho.* — O que demonio quer vocemecê que se lhe compre, se eu não tenho vintem e os que costumam comprar tudo são exactamente os que estão vendendo?...

*Feirante.* — Ó homem, merque seja o que fôr que eu pago da minha algibeira...

*Zé Povinho.* — Uma vez que quer fazer a *unção* cá levo este caminho de ferro de lata para entreter o meu petiz...

*Feirante.* — Leve, leve, homemsinho de Deus... Hoje por nós, amanhã por vós...